

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

VIGIANDO OS VIGILANTES: PANOPTISMO E A SOCIEDADE DE VIGILÂNCIA A PARTIR DE WATCHMEN¹
WATCHING THE WATCHMEN: PANOPTISM AND THE SURVEILLANCE SOCIETY

Thiago Dos Santos Da Silva²

¹ Trabalho desenvolvido junto ao Projeto de Pesquisa Novas Tecnologias, Direitos Humanos e Responsabilidade junto ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

² Graduado e Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Advogado. Docente do Curso de Graduação em Direito da Universidade Regional da Campanha.

1 INTRODUÇÃO

A busca pela interdisciplinaridade é um desafio proposto aos trabalhos acadêmicos. É necessária uma relação entre diferentes mídias e abordagens para construção de alternativas à (quase) exclusividade de pesquisa bibliográfica e como meio de aproximar os trabalhos de pesquisa do público não inserido na academia.

A mídia escolhida como pano de fundo para a discussão do presente artigo foi a História em Quadrinho Watchmen, escrita por Alan Moore e desenhada por Dave Gibbons. Se outrora as HQ's foram focadas em um público infantil, a partir da década de 1980, principalmente, houve uma busca para atingir um público mais adulto, com tramas envolvendo discussões de cunho moral e político.

A despeito disso, pode uma história em quadrinhos ser considerada arte? E, mais, é possível discutir sobre questões filosóficas, morais e políticas a partir dessa mídia? Esse é o objetivo do presente trabalho, apresentar uma discussão filosófica a partir da obra Watchmen, abordando assuntos como o panoptismo e o utilitarismo, com base na doutrina do filósofo britânico Jeremy Bentham, para o fim de discutir acerca do excesso de vigilância presente na contemporaneidade, bem como versar sobre como essas políticas panópticas têm como base o utilitarismo.

O presente trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro momento o leitor será introduzido à obra de Moore e Gibbons, como forma de aproximá-lo da mídia escolhida, a fim de contemporizar o momento em que os quadrinistas a produziram, na tentativa de demonstrar o porquê de Watchmen ser considerado um marco para os quadrinhos e uma obra de arte atemporal e com reflexos para além do mundo infantil dos gibis.

No segundo capítulo será debatido o panoptismo, com base na doutrina de Jeremy Bentham e a abordagem trazida, também, por Michel Foucault. O interesse nesse capítulo é demonstrar ao leitor as bases d'O Panóptico de Bentham e do fenômeno do panoptismo que tal técnica fez exsurgir, com ênfase na supervigilância presente na (pós)modernidade.

Já o derradeiro capítulo, como fechamento, coaduna os dois primeiros pontos do trabalho através do diálogo entre o teor de Watchmen e o panoptismo a partir de Jeremy Bentham. Busca-se traçar um paralelo entre a HQ escolhida como pano de fundo e o Utilitarismo, teoria ética difundida por Bentham e alicerçada d'O Panóptico. Como ponto último do terceiro capítulo se intenta mostrar a

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

atualidade dos temas tratados em Watchmen, de Moore e Gibbons, e n'O Panóptico, de Bentham.

2 METODOLOGIA

Consiste no método sistêmico-constructivista, a partir de uma complexa observação de segunda ordem, sob a matriz pragmático-sistêmica, com um conjunto de categorias teóricas suficientes para a compreensão e resposta do *problema* de pesquisa antes proposto. Trata-se de uma incursão na Teoria dos Sistemas Sociais Autopoiéticos, do jurista alemão Niklas Luhmann, seguindo a matriz proposta pelo brasileiro Leonel Severo Rocha, que sugere uma reflexão jurídica que supere uma observação voltada apenas à sintaxe (estrutura formal da linguagem) e/ou à semântica (sentido das proposições), atingindo a seara da pragmática (uso das preferências discursivas). Ou seja, busca caminhar para uma epistemologia jurídica além do positivismo (lógica da sintaxe) e da hermenêutica (lógica da semântica), pensando a partir de uma teoria funcionalista como a teoria sistêmica (lógica da pragmática), em razão disso a escolha da matriz pragmático-sistêmica como guia da pesquisa acadêmica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A CRÍTICA SOCIAL DE ALAN MOORE: WATCHMEN.

Watchmen é uma graphic novel publicada pela DC Comics, em 1986, nos Estados Unidos, escrita e roteirizada por Alan Moore e desenhada por Dave Gibbons, ambos britânicos. É considerada uma obra de arte e um marco para os quadrinhos americanos, juntamente com Batman: Dark Knight Returns e Daredevil: Murdock's Fall. A obra recebeu uma série de premiações como o Hugo Awards, em 1988, além de constar na lista das cem maiores obras literárias na língua inglesa, em lista produzida pela Revista Time de 1923 (ano de sua fundação) até 2005.

À Watchmen é creditado o amadurecimento das narrativas presentes nos quadrinhos da época. Considerada uma mídia de apelo infantil, tratando temas morais e políticos de forma mais rasa, focado, exclusivamente, nos desenhos e nas ações heroicas dos personagens, com menor apreço ao roteiro, a partir de sua publicação nos Estados Unidos, e sua influência nas histórias seguintes, já mencionadas, inaugura-se uma fase de quadrinhos adultos, com tramas mais sombrias e linguagem menos formal, com presença de palavrões nos diálogos e uso de sangue nos desenhos.

O que nos importa apresentar, através do uso dessa HQ, é a crítica social elaborada pelo escritor Alan Moore, que já havia sido vista em sua obra V for Vendetta, fazendo uso de aportes filosóficos e discussões políticas e morais, tendo como pano de fundo a Guerra Fria e a supervigilância imposta pelo Governo Americano à época da corrida armamentista contra a União Soviética.

A história se passa em uma versão alternativa da história, em 1985, nos Estados Unidos presididos por Richard Nixon, eleito pela sexta vez consecutiva, em que o Caso Watergate nunca ocorreria. Nessa realidade, a presença de heróis mascarados, os vigilantes - também definidos como justiceiros, em razão dos métodos não ortodoxos de lidarem com a criminalidade, e como atuam a margem da Lei e do Estado, podem ser considerados, também, criminosos, como aqueles que caçam -, é comum desde os anos 1930, com a presença da equipe denominada de Minutemen, composta pelo Coruja I, Dollar Bill, Espectral I, Capitão Metrópole, Silhouette, Mariposa e o integrante mais novo do grupo, o Comediante.

Após o declínio dos Minutemen e sua aposentadoria, com exceção do Comediante (que trabalha para o Estado), ressurgem um grupo de combatentes, com a presença do Coruja II (um jovem rico com extenso arsenal tecnológico), Espectral II (filha da primeira Espectral), Ozymandias

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

(considerado o homem mais inteligente do mundo), Rorschach (um exímio detetive), além do próprio Comediante e do Dr. Manhattan (um cientista que acabou preso em uma máquina durante seus testes e acabou desintegrado, reaparecendo, depois, como um ser de poderes sobre-humanos), único membro da equipe com super-poderes, que o equiparam a um deus. Nesse universo, através do uso do Comediante e, principalmente, do Dr. Manhattan, os Estados Unidos venceram a Guerra do Vietnã de forma assoladora, o que garantiu a reforma constitucional e as seguidas reeleições do presidente Nixon.

Moore e Gibbons nos fazem raciocinar como seria viver em um mundo com a presença desses heróis, que a despeito de seu exímio treinamento, continuam sendo seres humanos, com seus desvios de conduta e falseabilidade, além de um ser com poderes divinos que acabam o afastando, paulatinamente, da (sua) humanidade. A sociedade acaba sendo afetada pela presença desses vigilantes, apesar de seu trabalho diminuir a criminalidade, a população teme pelo seu empoderamento. A Polícia entra em greve, sustentando estar impossibilitada de fazer seu trabalho pela atuação dos heróis, com isso, em 1977, o governo estadunidense cria a “Lei Keene”, tornando ilegal toda atividade de vigilantes mascarados, dando-lhes a possibilidade de atuarem sob a égide do próprio governo ou se aposentarem. O Comediante e o Dr. Manhattan, que já cooperavam com o governo, continuam suas funções de forma legalizada, enquanto o Coruja II e a Espectral II decidem se aposentar, seguindo o que já havia feito Ozymandias, alguns anos antes da Lei Keene. Apenas Rorschach continua atuando, como herói urbano, agora, na ilegalidade.

Como dito anteriormente, a história inicia nos Estados Unidos de 1985, ápice da Guerra Fria. Seguimos o relato do Diário de Rorschach, em que ele descreve a morte do Comediante, arremessado pela janela de seu apartamento para morrer com a queda. Rorschach desconfia de um plano para aniquilar os (ex)mascarados e visita todos os seus ex-companheiros com a finalidade de alertá-los sobre sua desconfiança. Assim, somos apresentados a todos os membros da antiga equipe e seus desvios morais, ponto importante da narrativa de Moore, em razão de sua desconstrução dos heróis como indivíduos íntegros e retos, imagem retratada nos quadrinhos da época.

Rorschach conversa com Daniel Dreiberg, o Coruja II, com uma vida financeiramente estável mas, aparentemente, caído em depressão, tendo como ponto alto de seus dias as visitas a Hollis Mason, o Coruja I, já um senhor de idade, quase senil. Na sequência, somos apresentados a Adrian Veidt, o Ozymandias, um milionário empresário, com pensamentos megalomaniacos, que fez fortuna com a venda de sua imagem como super-herói. A última visita de Rorschach é ao, agora, casal Spectral II e Dr. Manhattan, em uma base do Governo em que residem, nesse encontro conhecemos a jovem e bela Laurie Juspecky, filha de Sally Júpiter (a primeira Spectral preferiu não usar seu sobrenome para encobrir sua descendência polonesa), com forte discurso feminista, contudo, com problemas em seu relacionamento com Dr. Manhattan, em razão do afastamento deste da humanidade.

O enredo se desenrola e o leitor acompanha a investigação de Rorschach em busca de informações sobre a morte do Comediante - o psicológico do Rorschach é o mais abalado com a vida de vigilante, podendo ser retratado como um sociopata, em dados momentos, mas com um senso de moral rígido e extremamente conservador. Enquanto Rorschach persegue pistas sobre o assassinato do Comediante, com a ajuda do Coruja II em algumas empreitadas, Dr. Manhattan passa a ser acusado de causar câncer àqueles que conviveram com ele, incluindo a cientista Janey Slater, com quem tinha um caso amoroso antes de se transformar em Dr. Manhattan e logo no

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

início de sua transformação, e o vilão aposentado Moloch, que combatera Manhattan e o Comediante durante a década de 1960 e 1970.

Nesse ponto tem vez um dos twists da história. Demonstrando seus últimos resquícios de humanidade, mostrando-se irritado com as acusações de que sua exposição causasse câncer e vendo seu relacionamento com a Spectral ruir, a qual havia lhe deixado no dia da entrevista, alegando sua impossibilidade de entender o mundo como humano, o Dr. Manhattan decide deixar a Terra e se fixa em Marte, trabalhando em experimentos sobre a criação de organismos vivos, esquecendo, de fato, sua (e toda) a humanidade. Com a saída de Manhattan da Terra a balança da Guerra Fria acaba ficando equilibrada novamente e o risco de um conflito nuclear é iminente, Moore e Gibbons, fazendo uso de metalinguagem, retratam a tensão que a sociedade estadunidense vive pelo medo desse conflito que se aproxima, com manchetes de revistas e jornais que aparecem nos quadrinhos.

As investigações de Rorschach prosseguem e o mesmo acaba sendo preso quando interrogava o ex-vilão Moloch e nesse momento reside outro twist da história. Antes de ser preso Rorschach descobre uma ligação entre todos os acometidos por câncer, supostamente, por contato com Dr. Manhattan. Moloch, Janey Slater e Wally Weaver (companheiro de trabalho de Manhattan no início de sua transformação) antes de contraírem o câncer terminal que os acometeu eram funcionários da empresa Dimensional Desenvolvimentos, um braço da holding Entregas Pirâmide. Nesse ínterim, Ozymandias é vítima de um ataque, mas consegue sair com vida, sendo que o assassino responsável pelo ataque é identificado como Roy Victor Chess, contratado, justamente, pela Entregas Pirâmide.

Vendo a preocupação de Rorschach se mostrar verdadeira, Coruja II e Spectral II volta à ativa e invadem a prisão com o fim de libertá-lo, o que é conseguido aproveitando um momento de rebelião na instituição. Rorschach e o segundo Coruja saem às ruas de Nova York para continuar as investigações sobre as tentativas de assassinato aos heróis. Através das informações obtidas, ambos vão à sede da empresa de Veidt, e vasculhando seus dados descobrem que a megacorporação Veidt Enterprises é mantenedora da Entregas Pirâmide, atingindo o novo twist do enredo, quando descobrem que todos os acontecimentos haviam sido planejados pela mente do homem mais inteligente do mundo, seu ex-companheiro Adrian Veidt, o Ozymandias, que após ser vítima do (agora comprovado falso) ataque, se refugiou em uma espécie de redoma de vidro na Antártida. Enquanto isso, Spectral II é levada à Marte pelo Dr. Manhattan para uma conversa sobre o interesse desse em deixar a galáxia. Nessa conversa Spectral II descobre que era filha do Comediante, o qual havia tentado estuprar sua mãe quando trabalharam juntos e, posteriormente, tiveram um caso, mostrando, novamente, o interesse de Alan Moore em destruir a imagem dos heróis como humanos perfeitos. Durante a conversa, Manhattan expõe à Laurie sua visão de Nova York destruída, com inúmeras vidas ceifadas, sem, contudo, precisar se tal genocídio fora causado pela guerra nuclear, já que tem apresentado dificuldades em enxergar seu futuro por alguma razão ainda desconhecida.

No quartel general do Ozymandias, o mesmo é confrontado por Rorschach e Coruja II, contudo, acaba os vencendo, com ajuda de seu animal de estimação Bubastis (uma lince geneticamente modificada, fruto das pesquisas de Veidt e única cobaia que sobreviveu, por isso, o mesmo possui grande carinho pelo felino). Com seus ex-companheiros, agora inimigos, vencidos, Ozymandias explica para ambos seu plano para a paz mundial, o que estaria por trás de todos os acontecimentos investigados pelo Rorschach. Esse é o clímax do enredo de Alan Moore. Adrian

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Veidt, o homem mais inteligente do planeta, o grande herói Ozymandias, preocupado com a iminente guerra nuclear e prevendo o afastamento do Dr. Manhattan das preocupações com a vida humana, elaborou um plano que julgara infalível para garantir a paz e cooperação entre Estados Unidos e União Soviética, potências que travavam a chamada Guerra Fria. Usando as pesquisas do próprio Dr. Manhattan com as partículas táquions (razão do bloqueio à onisciência do mesmo), acerca de teletransporte e fusão nuclear, Veidt pretende lançar um ataque à cidade de Nova York, possivelmente destruindo a mesma, simulando que teria sido um ataque alienígena, como forma de criar um inimigo em comum à humanidade enquanto raça, cessando as hostilidades entre capitalistas e comunistas, salvando o mundo de uma hecatombe nuclear. Ou seja, para salvar a vida de bilhões (e das futuras gerações) seriam sacrificados alguns milhões de nova-iorquinos. E, mais, o plano de Ozymandias já fora iniciado antes mesmo da dupla, Coruja II e Rorschach, desembarcar na Antártida.

Quando Dr. Manhattan e Spectral II retornam de Marte, para o centro de Nova York, encontram a cidade parcialmente destruída, com milhões de vidas sacrificadas por um ataque alienígena. Manhattan recupera sua onisciência e rapidamente teletransporta-se, junto com Spectral II, para a base na Antártida. Lá chegando, ao buscar Ozymandias, Dr. Manhattan é atacado pelo lince Bubastis dentro de uma câmara especialmente preparada pelo homem mais inteligente do mundo, sacrificando seu amado animal de estimação para tentar (novamente) desintegrar o homem-deus. Todavia, sem sucesso, já que instantaneamente o Dr. se reestrutura e parte para um ataque direto à Veidt. Esta, sagazmente, segura um controle remoto em frente a uma infinidade de televisores transmitindo telejornais de todo o mundo anunciando o ataque à Nova York e rapidamente começam a pipocar notícias da cooperação entre Nixon e Gorbachev em face desse mal comum. Dr. Manhattan, então, recua de seu ataque e Ozymandias, a plenos pulmões, vocifera comemorando “Eu consegui!”.

O plano de Ozymandias deu certo. Estados Unidos e União Soviética já estão tratando acordos de paz e cooperação. Os milhões de vidas sacrificadas não foram em vão, salvaram a continuação da raça humana, impediram uma Guerra Nuclear declarada. Os heróis concordam em manter o plano em segredo, com exceção de Rorschach e seu senso de moral rígido, que o impede de aceitar o utilitarismo de Veidt. Com isso, o mesmo sai em disparada em direção a nave do Coruja II para voltar à Nova York e expor o culpado pelo assassinato massivo contra a cidade. Entretanto, é impedido pelo Dr. Manhattan que, com um gesto, desintegra o mascarado detetive. Essa cena, em que todos os heróis concordam em acobertar a morte de milhões e mais uma vida é tirada para manter o segredo do plano, é considerada a morte do último herói. Moore e Gibbons tentaram expor que uma vida não pode ser mantida pelo preço de outra.

Chegamos, assim, ao final dessa obra de arte da literatura. Nas últimas cenas acompanhamos uma discussão entre um editor e seu estagiário no jornal pela perda de notícias para publicar, já que os conflitos mundiais, que preenchiam várias páginas, cessaram. O jovem estagiário, autorizado a publicar qualquer história para preencher duas páginas do jornal *New Frontiersman*, ao procurar em uma pilha de papéis (o “Arquivo dos Doidos”) encontra o Diário do Rorschach, enviado ao jornal logo que o mesmo e o Coruja II descobriram a ligação das empresas de Veidt com os ataques aos heróis mascarados e a morte do Comediante.

A história de Moore e Gibbons é complexa, a narrativa é variada e repleta de mudanças de ponto de vista, conforme o personagem acompanhado, faz uso de severas críticas à política de supervigilância do Governo Estadunidense e do pensamento utilitarista do Ozymandias, através de

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

seu plano. O mocinho do enredo (Rorschach) é mentalmente desequilibrado e todos os heróis apresentam desvios de conduta. Essa foi a crítica feita pelo gênio Alan Moore e eternizada pelos desenhos do, não menos genial, Dave Gibbons na aclamada graphic novel Watchmen. As discussões filosóficas e morais dessa HQ são nosso pano de fundo para tratar a doutrina de Jeremy Bentham, o que será apresentado no próximo ponto do presente trabalho, na tentativa de elaborar um diálogo entre a ficção de Moore e a filosofia de Bentham no derradeiro ponto do artigo.

PANOPTISMO E VIGILÂNCIA: DE BENTHAM À FOUCAULT.

Exposto o enredo da obra Watchmen, no primeiro capítulo, pretendemos, nesse ponto, abordar o projeto Panóptico, de Jeremy Bentham, e o fenômeno do panoptismo, no aporte de Michel Foucault, em Vigiar e Punir, além da contribuição de Zygmunt Bauman, em seu trabalho Globalização: as consequências humanas, com o objetivo de situar a discussão na contemporaneidade, marcada pela supervigilância.

Jeremy Bentham foi um jurista e filósofo britânico, considerado um dos pais da teoria Utilitarista (juntamente com John Stuart Mill), com a publicação da obra An Introduction to the Principles of Morals and Legislation, em 1789. O utilitarismo como filosofia moral é cristalino no projeto que lhe “tomou” mais de vinte anos, a concepção da máquina (do dispositivo) Panóptica, uma construção aplicável a qualquer estabelecimento que objetive manter pessoas sob inspeção.

A estrutura panóptica, idealizada por Bentham, é uma construção circular, dividida em celas, com uma torre de vigilância no centro, vazada por grandes janelas que se abrem sobre a parte interna do anel, permitindo a uma pessoa na torre central vigie todas as celas únicas, sem que aqueles que estão nesses espaços privados possam saber o momento específico que em que são observados, o que cria a sensação de controle constante.

A figura arquitetural do Panóptico permite a projeção de recortes finos de disciplina sobre o espaço confuso do interno, através dos métodos de repartição analítica do poder. Um controle individual funcional num duplo modo, tanto na divisão binária e demarcação do interno; quanto da determinação coercitiva, ou seja, do exercício de uma vigilância constante (FOUCAULT, 1999).

Em que pese sua aplicação sui generis ao encarceramento de indivíduos em prisões, o projeto de Bentham não versa exclusivamente sobre penitenciárias. “O Panóptico não é uma prisão. É um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas” (MILLER, 2000, p. 89).

Bentham se preocupou com os menores detalhes de seu projeto, dotado de minúcias que o impedem de ser falho e revelam sua utilidade, segundo o mesmo, “sua essência consiste, pois, na centralidade do inspetor, combinada com os dispositivos mais bem conhecidos e eficazes para ver sem ser visto” (2009, p. 28). Ou seja, é de suma importância que “para máxima proporção de tempo possível, cada homem deve realmente estar sob inspeção” (2009, p. 29).

Fica límpida a maior vantagem do projeto Panóptico de Bentham, qual seja, “a aparente onipresença do inspetor [...] combinada com a extrema facilidade de sua real presença” (BENTHAM, 2009, p. 30/31). Entretanto, a perfeição do projeto panóptico é tal que mesmo o inspetor está sendo observado, já que a estrutura permite que o inspetor-mor vigie seus subordinados - subinspetores, nas palavras de Bentham -, que, em contrapartida, possuem visão de seu superior. “Isso dá uma resposta, e uma resposta satisfatória, a uma das questões políticas mais intrigantes - quis custodiet ipsos custodes [quem guarda os guardas]?” (BENTHAM, 2009, p. 31). Ou, como aparece em Watchmen, quem vigia os vigilantes?

Esse grau de vigilância extremo presente no Panóptico assegura sua existência, se autojustifica e

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

reconstrói, já que a vigilância assume diferentes níveis. Nas palavras de Foucault (1999, p. 227):

O Panóptico pode até constituir-se em aparelho de controle sobre seus próprios mecanismos. Em sua torre de controle, o diretor pode espionar todos os empregados que tem a seu serviço: enfermeiros, médicos, contramestres, professores, guardas; poderá julgá-los continuamente, modificar seu comportamento, impor-lhes métodos que melhores; e ele mesmo, por sua vez, poderá ser facilmente observado.

A máquina panóptica é o arquétipo do utilitarismo, a mais fecunda produção da filosofia e engenhosidade dos Bentham - ao irmão de Jeremy, Samuel Bentham, arquiteto, é creditada a primeira ideia sobre o panóptico, e suas contribuições para a estrutura foram imprescindíveis. "O Panóptico é o modelo do mundo utilitarista: tudo nele é só artifício, nada de natural, nada de contingente, nada que tenha o existir como única razão de ser, nada de indiferente. Tudo ali é exatamente medido, sem excedente, nem falta. As articulações, os dispositivos, as manipulações" (MILLER, 2009, p. 93).

Para além da estrutura arquitetural desenvolvida por Bentham, é necessário analisar a filosofia presente no projeto do demiurgo utilitarista. É preciso vislumbrar a moral por trás do observatório para correção de seres humanos que, em primeiro plano, se mostra o Panóptico. O utilitarismo deixa o mundo das ideias e torna-se físico, palpável. "Os dois princípios fundamentais da construção panóptica são a posição central da vigilância e sua invisibilidade. Cada um se justifica independentemente do outro" (MILLER, 2009, p. 90). Para além de uma prisão, um hospital ou uma escola, o Panóptico se mostra um projeto para exercício do poder, de controle das massas, de domesticação dos corpos. Enquanto o Panóptico é uma máquina, uma estrutura física, o panoptismo é a utilização dos preceitos morais da ideia de Bentham adaptados ao seu uso contemporâneo.

O fenômeno do panoptismo pode ser resumido, eficazmente, pelas palavras de Bauman (1999, p. 56), in verbis:

Com mais discernimento que muitos dos seus contemporâneos, Bentham viu diretamente através dos variegados invólucros dos poderes controladores a sua tarefa principal e comum, que era disciplinar mantendo uma ameaça constante, real e palpável de punição; e, através de muitos nomes dados às maneiras pelas quais se exercia o poder, a sua estratégia básica e central, que era fazer os súditos acreditarem que em nenhum momento poderiam se esconder do olhar onipresente dos seus superiores, de modo que nenhum desvio de comportamento, por mais secreto, poderia ficar sem punição.

As adaptações do panoptismo na contemporaneidade são claras. A analogia com o Grande Irmão existente na obra 1984, de George Orwell é inevitável, com uma diferença específica, enquanto na ficção de Orwell havia "O" (um) Grande Irmão, vestindo a figura do Estado, na pós-modernidade a "família cresceu", há uma série de grandes irmãos. Para além do ente estatal, gigantes corporações transnacionais também são "onipresentes" e "oniscientes" nas vidas dos indivíduos. Essa profusão de sentinelas é o que assinala a supervigilância da contemporaneidade.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

O uso das técnicas panópticas foi decisivo para que o Estado espraiasse seus poderes sobre todo o espaço de seu território. Foucault chegou, após a análise da genealogia dos micropoderes, ao conceito de biopolítica, no intuito de explicar o surgimento de um poder disciplinador e normalizador exercido sobre toda a população como um todo e não mais sobre os corpos em caráter individual. "A partir do século XIX, já não importava mais apenas disciplinar as condutas individuais, mas também implantar um gerenciamento planejado da vida das populações. Assim, o que se produziu por meio da atuação específica da biopolítica não foi mais apenas o indivíduo dócil e útil, mas a própria gestão calculada da vida do corpo social" (DUARTE, 2010, p. 222).

Com efeito, o poder exercido pela biopolítica (o biopoder) diferencia-se do poder soberano que exercia direito sobre a vida dos súditos. Se outrora, o Estado possuía força de fazer morrer e deixar viver, com a biopolítica (exercida através das técnicas panópticas) o Estado (nesse primeiro momento vigilante exclusivo) passa a fazer viver e deixar morrer.

Essa conversação entre o panoptismo e a obra de Foucault é recordada por Bauman:

As técnicas panópticas, como assinalou Foucault, desempenharam um papel crucial na passagem dos mecanismos de integração de base local, autovigilantes e auto-reguladores, feitos na medida das capacidades naturais dos olhos e ouvidos humanos, para a integração supralocal, administrada pelo Estado, de territórios muito mais vastos do que o alcance das faculdades naturais do homem. (1999, p. 53).

Para além da passagem dos mecanismos locais para a integração supralocal, como asseverado por Foucault, vislumbramos a passagem da vigilância do Estado para os particulares. Se o Estado, em suas concepções modernas pós-Paz de Westfália, fora um ente dotado de soberania irrestrita dentro de seu território, possuidor do monopólio da produção normativa e identitária, com os movimentos do segundo pós-guerra (1945), com a criação da ONU e o empoderamento de grupos transnacionais, é possível sentir um abalo no poder do Leviatã de Hobbes.

O desenvolvimento da computação, o estabelecimento da rede mundial de computadores, e, mais recentemente, o boom das redes sociais foram eficazes em demonstrar que o Estado já não figura como único vigilante na pós-modernidade. Thomas Mathiesen (1997) em um trabalho denominado A Sociedade Espectadora (no original, em inglês, The Viewer Society) revisita a figura do panóptico na obra de Foucault. Mathiesen destaca que paralelamente ao panoptismo, onde poucos vigiam muitos, ocorre o fenômeno que o mesmo denominou de sinoptismo, onde muitos vigiam poucos.

O sinoptismo é alimentado, exatamente, pelo crescimento do sistema de mídias de massa e pela rede mundial de computadores, com facilidade de acesso às informações. Com isso, as gigantes transnacionais da informática, os conglomerados bancários, além das empresas de telefonia atuam com funções panópticas (antes exclusivas ao Estado), uma vez que possuem acesso à bancos de dados e sigilos sobre os consumidores, como em um superpanóptico, ou, como usamos anteriormente, uma supervigilância. E, em contrapartida, os indivíduos acabam vigiando os "poucos" através do acesso às informações da world wide web. Novamente, a analogia com a obra de Orwell é inevitável. Em 1984, ao mesmo tempo em que os cidadãos viam o Big Brother, ele os vigiava em retorno.

Na pós-modernidade, não contentes em vigiar o Grande Irmão, os indivíduos vigiam seus vizinhos,

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

seus colegas de trabalho, ou seja, chamar a sociedade de Espectadora, nas palavras de Mathiesen, nos parece um grande acerto, em que pese seja uma situação problemática para as relações interpessoais. O panoptismo contemporâneo, se a memória dos mestres dantes mencionados me permite denominar assim tal fenômeno, não mais encarcera os vigiados em celas de concreto e barras de metal. As celas atuais, não raramente, têm ar condicionado, possuem uma cama que nos aconchega. Os vigiados (todos nós) estão enclausurados em seus quartos, em seus notebooks, laptops, smartphones. Estamos vigiados quando usamos um cartão de crédito, quando são emitidas notas fiscais com nosso CPF, quando usamos nossas digitais para desbloquear o uso de um periférico da Apple, ou bater o ponto no trabalho, ou, mesmo, no reconhecimento digital para ingressar em uma academia. São todas situações de supervigilância, ainda que perpetradas por entes não estatais.

A multidão, massa compacta, local de múltiplas trocas, individualidades que se fundem, efeito coletivo, é abolida em proveito de uma coleção de individualidades separadas [...] Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação. (FOUCAULT, 1999, p. 224).

De outra banda, sinopticamente, esses vigilantes privados estão sendo, também, vigiados, por todos. Caso o banco de dados da Apple seja acessado por um prodígio da informática, o mesmo terá acesso ao, possivelmente, maior depósito de impressões digitais do mundo. Os dois movimentos, panoptismo e sinoptismo, paralelos entre si, acabam se tornando fatores sobre a fragilidade dos laços humanos, em referência ao subtítulo da obra Amor Líquido, de Bauman. O sociólogo polonês é extremamente feliz ao afirmar que nos relacionamos desejando não nos relacionarmos.

Buscamos “relações de bolso”, relacionamentos que são doces e de curta duração. “Podemos supor que seja doce porque tem curta duração, e que sua doçura se abrigue precisamente naquela reconfortante consciência de que você não precisa sair de seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior” (BAUMAN, 2009, p. 36). Uma relação de bolso encarna a instantaneidade e a disponibilidade. São conexões, colecionamos conexões, as quais podem facilmente ser desconectadas. Aí reside a beleza. Sinopticamente e panopticamente, na sociedade espectadora, todos vigiam todos, ao vigiar tem-se receio do outro, ao menor sinal de um “deslize moral” que não nos agrada esse outro pode ser desconectado e um outro outro conectado nesse espaço. Lembrando as páginas de Watchmen, quando o Dr. Manhattan não mais sentiu necessidade de “conexões humanas” - pela sua onisciência - deixou a galáxia, buscava uma “menos complicada”. No mesmo sentido, a Spectral II, sem qual tipo de previsão do futuro, ao desconectar de Manhattan, logo ocupou esse espaço com sua conexão com o Coruja II.

A supervigilância (o superpanóptico) da contemporaneidade é uma forma eficaz de controle social, de domesticação dos corpos, de satisfação das vontades de forma célere, mas, também, efêmera. É preciso saber o que deleita a “alma” dos indivíduos para lhes assegurar o interesse futuro. Ao mesmo tempo, quando muitos vigiam poucos, ou melhor, quando todos vigiam todos, fica visível a delicada linha que amarra as relações interpessoais. Nada escapa ao panóptico, e todos querem

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

ver pelo sinóptico. Tudo pode ser visto por todos, o que foi visto não pode, obviamente, ser desvisto, mas pode ser deletado, desconectado, nisso habita o encanto da liquidez.

QUEM VIGIA OS VIGILANTES? UM DIÁLOGO ENTRE JEREMY BENTHAM E ALAN MOORE.

Expostos o enredo de Alan Moore, em Watchmen, e o ideário de Jeremy Bentham e seu desenvolvimento, n'O Panóptico, o presente capítulo, como fechamento do trabalho, tem o interesse em articular um diálogo entre as teses expostas por Bentham e o seu uso, mesmo que de forma velada, por Moore em sua graphic novel. É notável o interesse de Moore por assuntos como superexposição, controle social e dominação de multidões em suas histórias, o que pôde ser visto em V de Vingança, como já mencionado e, posteriormente, no próprio Watchmen, e acabou sendo o marco inicial da mudança de estilo dessa mídia, o que já foi abordado no ponto inicial.

Não é difícil notar a influência de outro britânico, George Orwell, na obra de Alan Moore, e suas tratativas sobre a vigilância. Já 1984, e seu Grande Irmão, o maior legado de Orwell, possui traços da "onipresença" do vigia que Bentham previu no Panóptico, o que possibilita imaginar um "fio condutor" entre os três citados. Ademais, Alan Moore já admitiu suas afeições à teoria anarquista, exatamente em razão do receio que o mesmo possui em relação à figura do Estado como supervigilante, o que transparece em suas criações.

Como bem asseverado nas linhas do primeiro capítulo, a crítica social presente no enredo de Watchmen é veemente, o que é compreensível pelo momento histórico em que foi imaginada e escrita. Além da crítica à sociedade sob vigilância, Alan Moore apresenta uma discussão de cunho filosófico, onde cada personagem se reveste como "representante" de uma linha de pensamento específica, como forma de imaginar uma interação entre tais correntes.

Na Nova York apresentada por Moore e Gibbons, a população se voltou contra os vigilantes, o que fica claro em uma cena em que o Comediante e o Coruja II tentam dispersar uma manifestação popular e pode ser vista uma pichação com a frase que dá nome ao presente artigo: "Quem vigia os vigilantes?". Como já mencionado, essa manifestação acaba gerando a Lei Keene, que no enredo da HQ é responsável por criminalizar todo e qualquer vigilante que atuasse sem autorização do Governo. Portanto, respondendo à pergunta do povo, o Governo vigiava os vigilantes.

Entretanto, é visto a posteriori, os vigilantes também vigiavam o Governo, já que muitos deles já prestavam serviços aos Estados Unidos, inclusive como armas de guerra, como o Dr. Manhattan. "A vigilância invisível, por sua vez, reintegra a visibilidade, o vigilante cai sob vigilância" (MILLER, 2000, p. 96). Além disso, o próprio Manhattan possui poderes equiparados ao de um Deus, como a onisciência, o que permite que o mesmo saiba de tudo, e a onipresença, que garante que esteja em todos os lugares no espaço-tempo. Essa onipresença e onisciência do Dr. Manhattan foi um dos pontos que mostrou criar temor na sociedade que se levantou em face dos vigilantes.

São dois personagens, contudo, que se mostram mais controversos, Rorschach e Ozymandias. No desenrolar da trama, ambos são colocados em cantos opostos, como se mocinho e vilão fossem, respectivamente. Ocorre, porém, que Watchmen não é tão maniqueísta a esse ponto, não há, de fato, um mocinho e um vilão, diversos personagens possuem ambas as facetas, como acontece na realidade, o que fascina e prende o leitor.

O alvo definitivo da crítica desta história em quadrinhos é o autoritarismo, a ideia de que alguém deva se estabelecer como o guardião da sociedade. Super-heróis servem como as imagens do poder

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

e da autoridade em Watchmen. As ideologias que os heróis fingem seguir são racionalizações desse poder; e a corrupção dos super-heróis serve como uma crítica ao mesmo tempo do poder e de suas racionalizações. (LOFTIS, 2009, p. 68).

Ozymandias, o homem mais inteligente do mundo - com o devido destaque para a palavra "homem", uma forma de diferenciá-lo do "deus" Dr. Manhattan -, usa sua fortuna para ajudar a financiar as pesquisas sobre energias nucleares do Governo americano, capitaneadas por Dr. Manhattan. Porém, de forma sigilosa e à margem da inteligência estatal, arquiteta todo o plano que destruiu metade da cidade de Nova York, no intuito de evitar o desastre de um possível conflito armado declarado entre as potências da Guerra Fria. Ou seja, usando o ideal panóptico citado acima, em que o Estado vigia os vigilantes, Ozymandias, e sua corporação cheia de subsidiárias, acaba superando o ente estatal, exatamente como colocado no segundo capítulo, em que, na atualidade, entes transnacionais mantêm bancos de dados sobre os consumidores em geral, inclusive com uso de impressões digitais, se apresentando, não raramente, com poderes superiores aos Estados. Para Foucault (1999), "o panoptismo é o princípio geral de uma nova 'anatomia política' cujo objetivo e fim não são a relação de soberania mas as relações de disciplina" (p. 232).

Adrian Veidt, o Ozymandias, é retratado por Moore e Gibbons como associado à doutrina do utilitarismo. Quando Dr. Manhattan visualiza que a catástrofe que abalou Nova York fora resultado das ações de Veidt, e persegue o mesmo, esse último atrai o primeiro para um campo intrínseco no intuito de desconstituir a matéria do mesmo, para tanto, sua amada lince Bubastis é sacrificada. Essa passagem demonstra a disposição de Ozymandias em fazer grandes sacrifícios para fins ainda maiores. Ou seja, "as ações estão certas na medida em que tendem a promover a felicidade, erradas na medida em que tendem a produzir o reverso da felicidade" (MILL, 2005, p. 09).

O utilitarismo é construído a partir do consequencialismo ao se acrescentar alguns elementos [...] O primeiro novo ingrediente é o hedonismo: o bem que alguém está tentando maximizar no mundo é a felicidade. O utilitarista não está preocupado, como Rorschach, em ter certeza de que todos os criminosos foram punidos. A punição é apenas uma boa política se, como consequência, torna alguém mais feliz ao prevenir um crime futuro. O outro ingrediente novo é o igualitarismo. A felicidade de todos deve pesar igualmente. Assim, se uma ação fará cinco pessoas felizes e uma pessoa infeliz (tudo em quantidades iguais), ela deve ser realizada, mesmo que a pessoa infeliz seja sua mãe - ou seu gato geneticamente engendrado favorito. (LOFTIS, 2009, p. 69).

Obviamente, não se pode mitigar a filosofia utilitarista ao simples cálculo de maximização da felicidade. A despeito disso, fica claro o interesse de Moore e Gibbons no roteiro de Watchmen em apresentar críticas às teorias clássicas britânicas, entre elas, o utilitarismo, ao colocar o "vilão" da história como adepto de tal ideologia. Chegamos a um cálculo fácil, "se Ozymandias é o vilão, então, talvez o utilitarismo seja uma ideologia de vilões" (LOFTIS, 2009, p. 70). Evidentemente,

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

essa redução é falha, em que pese o teor crítico do enredo de Watchmen, Moore e Gibbons são preocupados em mostrar que não há apenas duas visões possíveis, não há apenas certo e errado. Independentemente das críticas feitas à doutrina utilitarista, especialmente sua alegada incapacidade de abraçar uma doutrina de direitos humanos universais, os utilitaristas, como Bentham, certamente protestariam em face da caracterização de Adrian Veidt enquanto seu correligionário. Como bem assevera Robert Loftis (2009), “Veidt é, na melhor das hipóteses, uma paródia da ética que eles recomendam” (p. 71). E complementa, ao falar sobre o utilitarismo, aduzindo que “longe de racionalizar os próprios interesses, o utilitarismo é a doutrina menos egoísta que temos por aí, porque a felicidade própria de um não conta mais que de qualquer outra pessoa” (p. 71).

É claro no enredo de Watchmen que o interesse de Moore e Gibbons sempre foi o de mostrar as teorias éticas como maneiras de racionalizar o poder, por isso a crítica ao utilitarismo e ao “vigilantismo”, reflexo do Panóptico, que, segundo os autores da HQ, levaria o mundo a dependência de um Grande Irmão, um Dr. Manhattan, um Inspetor, o que poderia desenfrear processos de autoritarismo. Em uma das cenas mais melancólicas da história, Ozymandias, logo após seu plano “dar certo”, vira-se ao Dr. Manhattan, que se preparava para deixar a Terra, e pergunta: “Jon, antes de você partir... eu fiz a coisa certa, não fiz? Tudo deu certo no fim”. No quadro seguinte vemos Dr. Manhattan pela ótica de Ozymandias, uma figura divina, que, com os braços abertos e voando, vocifera: “No fim? Nada chega ao fim, Adrian, nada chega ao fim, nunca”, e deixa o planeta definitivamente.

Adrian Veidt, o Ozymandias, cultuado como homem mais inteligente do mundo, um estrategista nato, como se estivesse rezando a um deus, pede a “benção” de Dr. Manhattan ao seu, recém executado, plano para salvar a Terra. Em que pese tenha sido mostrado confiante durante todo o transcorrer da HQ, e possuidor de todas as informações possíveis, já que agia como o Inspetor naquela situação, o mesmo não podia garantir a certeza de seu plano, ainda que possa calcular minimamente seu plano, como fez Bentham em seu Panóptico, as possibilidades são tantas que, inevitavelmente, algumas variáveis estarão de fora da equação. E isso aparece algumas páginas à frente da despedida de Manhattan da Terra, como mencionado ao final do primeiro capítulo deste trabalho, quando o estagiário do jornal New Frontiersman encontra o Diário de Rorschach no “Arquivo dos Doidos”. A publicação do diário pode acirrar, novamente, as tensões entre Estados Unidos e União Soviética, reiniciando a, suspensa, Guerra Fria.

Curioso como o plano perfeito de Veidt pode ter sido arruinado pelos relatos de Rorschach em seu diário, mesmo após a morte do último. Rorschach é retratado como completo oposto de Ozymandias, o que não é suficiente para fazê-lo o mocinho da história. Seu psicológico está longe de ser o esperado de alguém que salve vidas, apresenta características conservadoras, com elevado senso de moral e ética, todavia, com pouca tolerância ao errado (em seu julgamento). Atua como inspetor, juiz e carrasco. Assim como Veidt, também possui informações sobre o Estado e fora do eixo de visão do ente estatal, porém, tais informações não são obtidas em razão de inteligência digital, mas, sim, por meios mais incisivos de investigação, já que é dito que Rorschach é um exímio detetive.

Seguindo sua crítica ao autoritarismo, e às correntes filosóficas que receiam possam emular formas de autoritarismo, Moore e Gibbons associam Rorschach à deontologia, em oposição, já mencionada, ao utilitarista Ozymandias. Rorschach frequentemente usa a deontologia para racionalizar suas ações, o que os autores da HQ demonstram através de um mantra entoado pelo

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

personagem quando os heróis concordam em manter o plano de Veidt em sigilo, para evitar riscos à tênue paz conseguida, mesmo sabendo que ao discordar dos demais heróis sua vida seria ceifada: “Mesmo em face do Armageddon, não farei concessões quanto a isso”. Essa é a passagem que eterniza a ética de Rorschach, ou seja, uma paz conseguida como reflexo de milhões de vidas sacrificadas, inclusive a do próprio, não é justificável, os fins não justificam os meios para o herói.

A deontologia vai além de dizer que os fins nunca justificam os meios. Ela, na realidade, diz que, pelo menos em decisões morais, você não deveria pensar em fins e meios, ou consequências, de forma alguma. Uma vez que você começa a pensar sobre fins e meios, você deixou completamente o reino da moralidade, porque só está pensando sobre como conseguir algo que quer, seja para si mesmo ou para outra pessoa (LOFTIS, 2009, p. 73-74).

A moralidade se inicia com a boa vontade, isso pode ser evidenciado pelo teor do imperativo categórico de Kant. “Mas Rorschach não é um herói e sua deontologia não é a de Kant. É uma sombra da deontologia que é usada para racionalizar a selvageria fascista” (LOFTIS, 2009, p. 74). Novamente, Moore veste seus heróis com uma filosofia para, no fim, demonstrar que sua aplicação, em casos específicos, pode justificar autoritarismos. Há uma profanação dos heróis, uma dessacralização. E Rorschach é o exemplo definitivo disso. Ele enxerga o mundo em preto e branco, dicotomicamente, uma referência à sua máscara, que lembra o Teste de Rorschach da psicologia, onde o preto e o branco nunca se misturam. O paradoxal em Watchmen é que a morte de Rorschach, um herói-detetive, com uma retidão moral e ética, mas com tendências ao fascismo, é morto para encobrir um plano elaborado pelo homem mais inteligente do mundo para trazer paz ao mundo, que, em contrapartida foi responsável pela destruição de metade de Nova York e levou milhões de vidas no processo. A morte de Rorschach é a morte do último herói.

Tudo em Watchmen gira em torno do poder. Do poder de vigiar, inclusive. Os personagens usam filosofias como racionalizações rasas para seus comportamentos corruptos. Os autores da HQ criticam a deontologia e o utilitarismo como forma de alcançar seu objetivo principal, uma crítica ao poder, à supervigilância. O que aparece no título da história, bem como no aforisma de Juvenal, “Quem vigia os vigilantes?”, extensamente citado. O intuito de Moore e Gibbons é, em última escala, fazer um alerta sobre como uma sociedade livre pode caminhar ao autoritarismo, não necessariamente perpetrado pelo Estado, em uma ditadura, mas, também, pela atuação do privado.

Ozymandias e Rorschach são contrapartes principais do retrato do medo do autoritarismo de Alan Moore, já que os heróis de Watchmen são as imagens da autoridade. Em entrevista ao programa Comics Britannia, da rede britânica BBC, Moore disse que: “o que Watchmen se tornou foi uma completa meditação sobre o poder. Nós estávamos pensando em como, até certo ponto, cada um desses personagens representava algum tipo de poder” (2007). Os dois principais antagonistas da história são a demonstração de que qualquer um pode ser corrompido. Essa é a lição por trás de toda a crítica da HQ, ou seja, a ninguém, independentemente de sua ideologia ou filosofia, deve ser confiado poder em excesso (LOFTIS, 2009, p. 79). Um agente que traz segurança, se deixado sem controles, torna-se um agente de uma ainda maior insegurança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Histórias em quadrinhos são referenciadas como uma mídia voltada ao público infanto-juvenil, com menor preocupação com discussões sobre assuntos mais densos, com carga filosófica e política. Enganam-se, contudo, aqueles que afirmam que tais produções são voltadas, somente, às crianças, em razão de sua narrativa focada em humanos fantásticos, com poderes especiais e cheia de alienígenas. Ainda que de forma tangencial, há muito tempo os quadrinhos se debruçam sobre dilemas sociais e morais, como preconceito racial, discussões de gênero, migrações e vigilância.

A graphic novel paradigma no mercado americano dos quadrinhos com uma abordagem mais adulta, o mais proeminente do mundo, por possuir as duas maiores editoras de quadrinhos do mundo (DC Comics e Marvel Comics), foi a obra escolhida como pano de fundo da discussão no presente trabalho, *The Watchmen*, com enredo do gênio britânico Alan Moore e desenhos do, também genial, Dave Gibbons.

Em *Watchmen* somos apresentados a heróis mais humanos e menos super. Com desvios morais e éticos, como todos nós, mas, ainda assim, responsáveis pela vigilância da sociedade, seja trabalhando com o Estado ou à margem do mesmo. A própria figura do “Estado-vigilante” é questionada pelos autores da HQ, demonstrando sua inquietação com a supervigilância e deixando um alerta quanto ao excesso de poder que essa overdose de inspeção garante aos vigilantes, ao inspetor.

Nosso interesse inicial com a realização do presente trabalho foi a busca por uma abordagem interdisciplinar de questões filosóficas sobre a sociedade de vigilância, sobre o panoptismo, bem como demonstrar que esse paradigma continua dominando a contemporaneidade, a despeito do extenso lapso temporal que é debatido.

Ademais, a escolha pela mídia das histórias em quadrinhos guarda, também, um interesse em desmistificar a pesquisa acadêmica como sendo restrita ao mundo dos livros, além de expor a possibilidade de se discutir situações morais e éticas, dentro da filosofia, de forma mais leve e acessível ao público alheio à academia.

O final do enredo de *Watchmen* é suficiente para expor nossa preocupação com o poder que o excesso de vigilância outorga ao vigilante e até que ponto é ético o uso de meios de vigilância para dominação da sociedade, como é comum pelo Estado e, atualmente, pelas gigantes transnacionais. É necessário um amadurecimento moral da coletividade, como forma de superar as tentativas de domínio sobre o corpo do outro. É inegável que o “fantasma” do autoritarismo exsurge com a supervigilância, no sentido de que o total conhecimento sobre o outro permite a soberania sobre a matéria do mesmo. De outra banda, não se pode refutar que a “sociedade da informação” que a pós-modernidade nos entrega trouxe inúmeras benesses ao homem. Cabe ao humano ponderar suas possibilidades e domesticar interesses na dominação, no intuito de que todos sejam respeitados e tenham garantida sua humanidade. Estamos, todos, sendo vigiados, mas, quem vigia os vigilantes? E, mais, a quem pode ser confiada a vigilância sobre os vigilantes?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AFFONSO, Matheus Dalmas. V de Vingança e a questão da ética em pesquisa. Disponível na internet em: . Acesso em: 04 de janeiro de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. Globalização: as consequências humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

BENTHAM, Jeremy. An introduction to the principles of morals and legislation. Kitchener, Canadá: Batoche Book, 2000.

_____. Deontology; or, the science of morality: in which the harmony and co-incident of duty and self-interest, virtue and felicity, prudence and benevolence, are explained and exemplified. 1834. Disponível na internet em: . Acesso em: 15 de janeiro de 2017.

_____. O Panóptico ou a casa de inspeção In BENTHAM, Jeremy. O Panóptico. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 13-87.

DUARTE, André. Vidas em risco: crítica do pensamento em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. O Panoptismo In FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Trad. Raquel Ramallete. 20 ed. São Paulo: Vozes, 1999, p. 162-187.

KANYO, Louis. Watching the Watchmen: a philosophical analysis of the visual experience. Disponível na internet em: . Acesso em: 04 de janeiro de 2017.

KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes. Trad. Paulo Quintela. Lisboa, Portugal: Casagraf, 2007.

LOFTIS, J. Robert. Meios, fins e a crítica dos super-heróis puros In IRWIN, William; WHITE, Mark D. (ORG.). Watchmen e a filosofia: um teste de Rorschach. São Paulo: Ed. Madras, 2009, p. 67-80.

IRWIN, William; WHITE, Mark D. (ORG.). Watchmen and philosophy: a Rorschach test. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc, 2009.

MANCILLA, Nalvia. Distopía e intertextualidad em 1984 de George Orwell y V de Vendetta de Alan Moore y David Lloyd. Seminario de Titulación. Universidad de MagAlanes. Punta Arenas, 2009. Disponível na internet em: . Acesso em: 04 de janeiro de 2017.

MATHIESEN, Thomas. The viewer society: Michel Foucault's panopticon revisited. Theoretical criminology: an international journal, Londres n. 2, p. 215-232. 1997.

MILL, John Stuart. Utilitarismo. Porto, Portugal: Porto Editora, 2005.

_____. Utilitarianism. Kitchener, Canadá: Batoche Books, 2001.

MILLAR, Mark, MCNIVEN, Steve. Guerra Civil. Barueri: Panini Brasil, 2007.

MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham In BENTHAM, Jeremy. O Panóptico. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 89-125.

MOORE, Alan; LLOYD, David. V de Vingança. Barueri: Panini Brasil, 2012.

MOORE, Alan. Comics Britannia. Alan Moore interview II. 2007. Disponível na internet em: . Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. Watchmen. Ed. Definitiva. Barueri: Panini Brasil, 2009.